



O SECTOR VITIVINÍCOLA EM ANÁLISE: CONTRACICLO E ADEGAS CHEIAS

TEXTO

ANTÔNIO MENDES

i PRESIDENTE DA FENADEGAS

Em 2023, o sector vitivinícola a nível mundial enfrentou desafios significativos. Um estudo recente da FENADEGAS destaca que as Adegas Cooperativas de Portugal, responsáveis por cerca de 35% da produção nacional de vinho, acumulam atualmente mais de 50 milhões de litros de excedentes. Este excesso precisa de ser retirado rapidamente do mercado para garantir uma injeção de capital a curto prazo, estabilizar os preços das uvas para os viticultores e permitir o armazenamento do vinho da próxima vindima.

Nesse sentido, analisando o consumo global de vinho em 2023, o mesmo está estimado em 221 milhões de hectolitros (Mhl), indicando uma diminuição de 2,6% em comparação com os valores já baixos de 2022.

O aumento dos custos de produção e distribuição, impulsionado por pressões inflacionistas, levou a preços mais elevados do vinho para os consumidores, que já enfrentavam uma diminuição do poder de compra. Apesar destes desafios, alguns mercados importantes demonstraram resiliência.

Superfície de vinha:

A superfície de vinha a nível mundial continuou a diminuir, diminuindo 0,5% em 2022, para 7,2 milhões de hectares. Esta tendência, observada pelo terceiro ano consecutivo, foi impulsionada pela

remoção de vinhas nas principais regiões vitivinícolas (incluindo todos os tipos de uvas) em ambos os hemisférios.

A tendência de decréscimo tem-se verificado tanto na produção de vinho, como de uvas de mesa/uvas secas.

Além disso, a superfície vitícola da China, que tem sido um dos principais motores do crescimento da vinha mundial entre 2012 e 2020, estabilizou a partir de 2020.

Em 2023, a superfície vitícola mundial é de 7,2 milhões de hectares, registando uma ligeira diminuição de 0,5% em relação a 2022, ocupando Portugal o 9º lugar.

A tendência é atribuída a uma redução da superfície vitícola nos principais países produtores de vinha em ambos os hemisférios, com apenas algumas exceções.

Produção de vinho:

Condições climáticas extremas e doenças fúngicas generalizadas afetaram severamente muitas vinhas em todo o mundo, culminando numa produção global de vinho historicamente baixa de 237 milhões de hectolitros. Isto marcou uma queda de 10% em relação a 2022 e representou a produção mais baixa desde 1961.

A Itália, o segundo maior país produtor de vinho a nível mundial, enfrentou níveis de produção historicamente baixos em 2023, com uma diminuição notável de 23,2%, totalizando 38,3 milhões de hectolitros. Isto marca a menor produção desde 1950, atribuída às fortes chuvas que promovem o míldio nas regiões centro e sul, juntamente com inundações e granizo.

A França, maior produtor mundial de vinho em 2023, atingiu um volume estimado de 48 Mhl, representando 20% do total global. Notavelmente, este número não é apenas 4,4% superior ao de 2022, mas também excede a média dos últimos cinco anos do país em 8,3%.

A produção vinificada na UE em 2023 é estimada em 144,5 Mhl, o que representa uma queda acentuada de 10,6% (17 Mhl) em relação a 2022. Isto coloca-a como o segundo volume de produção mais baixo registado desde o início do século, atrás apenas de 2017.

Comércio internacional de vinho:

O comércio internacional de vinho em 2023 também foi significativamente afetado pelo aumento dos preços. Embora o volume total de vinho exportado tenha diminuído para 99 milhões de hectolitros, isso foi compensado por um elevado valor de exportação, que atingiu 36 mil milhões de euros.

O preço médio do litro do vinho de exportação atingiu um máximo histórico de 3,62 euros por litro.

Em 2023, os baixos volumes de produção no Hemisfério Sul, os elevados preços médios de exportação e o enfraquecimento da procura internacional impactaram significativamente o volume global de exportação de vinho, que diminuiu 6,3% para 99,3 Mhl, o mais baixo registado desde 2010.

Este desempenho resiliente é atribuído a um preço médio de exportação significativamente elevado de 3,62 EUR/l, marcando um aumento de 2% em comparação com 2022.

Contudo, é importante notar que este aumento acentuado dos preços decorre principalmente de custos mais elevados incorridos pelos produtores, importadores e distribuidores, uma consequência direta das pressões inflacionistas globais.

Os três países que mais contribuem para a diminuição do valor das exportações globais, em comparação com 2022, são o Chile (-0,4 mil milhões de euros), a França (-0,3 mil milhões de euros) apesar de uma diminuição de 4,7% em comparação com o máximo e os EUA (-0,3 mil milhões de euros).

CASO DE PORTUGAL

O consumo mundial de vinho apresenta uma tendência de diminuição que se tem acentuado desde 2017, voltando em 2023 a cair cerca de 2,6%. Ao mesmo tempo, apesar das oscilações naturais, a produção mundial de vinho voltou a cair, mantendo-se a linha de tendência de diminuição de produção em perfeito declínio.

Menor produção de vinho a nível mundial, numa fase em que o consumo continua a cair, não seria dramático, não fosse o facto de Portugal, em perfeito contraciclo, ter aumentado a sua produção em quase 10% face ao ano anterior, ou seja, em mais de 75 Milhões de litros.

O recente estudo elaborado pela FENADEGAS, revela que só nas Adegas Cooperativas de Portugal, que representam cerca de 35% da produção nacional de vinho, apresentam neste momento mais de 50 Milhões de litros de excedentes, que necessitam de ser rapidamente retirados do mercado através de uma operação que garanta a curto prazo uma injeção de capital no sector e retire os excedentes, contribuindo assim para a manutenção dos já baixos preços pagos pelas uvas aos viticultores e permita armazenar o vinho da próxima vindima.

A pouco mais de 3 meses da próxima colheita, que se “mostra” novamente

abundante, os produtores começam a deitar as mãos à cabeça porque não sabem onde vão colocar a sua produção de uvas. Na colheita de 2023, vimos Adegas sem capacidade para receber as uvas dos seus cooperantes e este ano, se nada for feito, o cenário será ainda mais penoso. Numa visão holística sobre a crise que se avizinha para o sector vitivinícola, os decisores responsáveis, devem tomar decisões urgentes firmes e assertivas para contrariar a tendência.

Ou seja, no imediato, a totalidade dos excessos de stocks de vinho devem ser retirados do mercado através de uma destilação de crise, fazendo um “reset” às existências excessivas e ao mesmo tempo injetando capital no sector, permitindo aliviar de forma rápida e eficiente a tesouraria dos produtores em dificuldades, sem aumentar o grau de endividamento bancário.

No médio prazo, devemos desenvolver um conjunto de medidas que garantam o equilíbrio entre a produção e venda dos vinhos produzidos, nomeadamente repensar a redução e adaptação da oferta através do abrandamento na atribuição de Novas Autorizações de Plantação de Vinha (NAP), apoiar a vindima em verde e diminuir as importações de vinho a granel. Por outro lado, mantém-se a necessidade de apoio à promoção e uma maior investida quer na consolidação dos mercados existentes quer na procura de novos mercados.

Estas medidas, indiretamente vão também contribuir para o fortalecimento das Adegas Cooperativas que têm uma importância relevante como elemento agregador de pessoas nos territórios de baixa densidade, manutenção do mosaico agroflorestal e garante da sustentabilidade de várias famílias. Estas são muitas vezes única fonte de receita para os viticultores de pequena dimensão, especialmente nos territórios de minifúndio, desempenhando um papel preponderante no domínio económico-social da região onde estão inseridas, pois têm sobre o seu “chapéu”, não só os seus associados como muitas das vezes a dependência das suas famílias. A produção de vinhos das Adegas Cooperativas não é deslocalizável, havendo nas suas áreas de influência uma garantia de sustentabilidade da manutenção dos territórios de baixa densidade. ●

FONTE:

OIV Relatório do estado mundial do sector da vinha e do vinho em 2023